

Fernando Molica

A língua e seus infinitos céus

“Toda língua é uma língua falada errada. Uma língua nasceu quando os falantes estão cansados de falar errado uma língua. Então eles combinam: vamo combinar que o errado é certo? Vamo combinar de errar junto?”

É em torno dessa infinita possibilidade de combinados resultantes de erros que viram acertos e que, por sua vez, geram novos erros que viram acertos — e é por aí que vamos, ou que nós vai — que Gregorio Duvivier constrói “O céu da língua”, monólogo que escreveu e interpreta, em cartaz no Teatro Casa Grande, no Rio, até 31 de agosto.

O figurino que remete a Luís de Camões indica o caminho; melhor, os caminhos. A peça, que é aberta com os versos iniciais de “Os lusíadas”, propõe uma jornada por mares já navegados e por outros ainda desconhecidos e incertos.

Jornadas que vão muito além de Taprobana citada na primeira estrofe do poema, que superam dúvidas, críticas e ortodoxias dos que se revezam no papel de Velho do Restelo, pessimistas que tentam manter a língua sob estreita vigilância e procuram conter suas fantasias.

O autor e ator usa a poesia como bússola imprecisa, que aponta para diferentes nortes — todos factíveis, respaldados pelas infinitas possibilidades de um idioma que, como ressalta o texto, nasce do galego, “que tinha o hábito de jogar fora muitos L intervocálicos”. Ele exemplifica: dolor virou door, color virou coor. Um processo detalhado no espetacular “Latim em pó” (Companhia das Letras), de Caetano Galindo, um dos livros que servem de referência à peça.

Ao longo do engraçadíssimo texto, Gregorio revela como

línguas são resultado de pactos entre seus falantes, que sempre se movimentam em busca de consensos capazes de traduzir situações, nem que para isso sejam obrigadas a deixar tantas palavras pelo caminho.

No palco, ressalta esses trancos e barrancos que permitem nossos entendimentos e divergências: “Eu só consigo existir graças às palavras. Tenho por elas um amor tátil. Morro nessa ilha do verbal em que tudo tem nome”.

O ator brinca com palavras, que usadas para viabilizar e reafirmar o discurso poético, são capazes de negar o que dizem. Como no caso do narrador de “Trem das onze”, que fica mais de três minutos dizendo para a amada que não pode ficar nem mais um minuto com ela.

A partir do exemplo das diferentes palavras que esquimós usam para definir neve, ele frisa que temos 37 opções para tra-

tar de bagunça, “a nossa neve”: entre elas, auê, fuzuê, mafuá, fuzarca, bafarunda. E propõe:

“O Brasil só toma jeito no dia em que ele desistir de tomar jeito e investir pesado na indústria do escarcéu pra exportar pro resto do mundo nossa tecnologia do furdunço”. Assim, conclui, um dia, quem sabe, nossas instituições estarão à altura do nosso carnaval”.

Já para o seu trecho final, a peça parte de versos de Orestes Barbosa para “Chão de estrelas” (“Tu pisavas nos astros distraída”), emenda com a versão de Caetano Veloso (“Tropeçavas nos astros desastrada”) e aponta para futuras reelaborações de versos tão bonitos.

O céu da língua é inquieto, azul e também cheio de nuvens e trovões, sustenta o sol e vem molhado de muita chuva, não há meteorologista capaz de prever seu comportamento.

Tales Faria

Trump e Braga Netto prejudicaram Bolsonaro

O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) considera como seus maiores aliados o presidente dos EUA, Donald Trump, e o general Baraga Netto, que foi candidato a vice na sua chapa às eleições de 2022. Mas é um grande engando. Os dois são os que mais atrapalham Bolsonaro no julgamento da tentativa de golpe de Estado.

Trump prejudica porque, graças a ele, ficou mais difícil para o ministro Luiz Fux, do Supremo Tribunal Federa (STF), pedir vista do julgamento que começa no dia 2.

O bem informado jornalista Elio Gaspari publicou em sua coluna, no dia 9 de agosto, que, na época, eram “fortes os sinais de que o ministro Luiz Fux vá pedir vista”.

Gaspari disse que, nesse caso, Fux teria 90 dias para devolver o processo. E, com isso, haveria “de acavalar o julgamento do ex-presidente com a apreciação

dos recursos relacionados à sua inelegibilidade, pelo Tribunal Superior Eleitoral, com uma nova composição”.

De fato, eram fortes os sinais. Mas especialistas ouvidos pela coluna afirmam que a atuação de Trump prejudicou Bolsonaro.

“É um fato que o Trump ajuda agora que não se tenha como pedir vista. Porque, com as promessas de que ele vai estender as sanções à esposa do Alexandre de Moraes, à esposa e filhos do Luís Roberto Barroso, se tiver um pedido de vista, se estará incentivando essa violência”, explicou à coluna o advogado Antônio Carlos de Almeida Castro, o Kakay.

Ou seja, Trump melou o pedido de vista.

Já o general Braga Netto atrapalhou Bolsonaro porque apressou o julgamento do ex-presidente em relação a outros casos.

Kakay lembra que “a previsão de dar celeridade ao julgamento

quando há réu preso está no Código de Processo Penal (CPP)”.

Ele cita a base legal da celeridade:

- Art. 5º, LXXVIII, da Constituição Federal: garante a todos a razoável duração do processo;

- Art. 5º, LXV e LXVI, da Constituição Federal: tratam da liberdade e da necessidade de fundamentação da prisão, ressaltando que a prisão não pode ser mantida por tempo excessivo sem julgamento;

- Art. 312 do CPP: fala dos requisitos da prisão preventiva, que deve ser sempre excepcional;

- Art. 395 a 400 do CPP (procedimento comum ordinário): determinam prazos curtos para atos processuais, e a jurisprudência entende que, havendo réu preso, esses prazos devem ser observados com ainda mais rigor;

- Art. 798 do CPP: dis-

põe que “os prazos processuais correrão em cartório e serão contínuos e peremptórios”, e a doutrina/jurisprudência interpreta que, em se tratando de réu preso, há preferência no andamento;

- Súmula 21 do STF: “Pronunciado o réu, fica superada a alegação de constrangimento por excesso de prazo”;

- Súmula 52 do STJ: “Encerrada a instrução criminal, fica superada a alegação de constrangimento por excesso de prazo”.

Em resumo:

- O processo em que está Braga Netto é o mesmo de Bolsonaro, ambos seguem juntos, ao mesmo tempo, no chamado “núcleo crucial” do golpe;

- O processo de réu preso deve tramitar com prioridade em relação a processos de réus soltos.

- A demora injustificada pode gerar relaxamento da prisão por excesso de prazo (art. 648, II, CPP).

Sérgio Cabral*

Extrema Direita

Cômico se não fosse trágico como que o surgimento das redes sociais aguçou a massificação da radicalização das ideias e a bestialidade que toma conta dos perfis de líderes da extrema direita com ideias e propostas que nos trazem de volta o fantasma do nazifascismo.

Há deles em todos os cantos do planeta. Rejeitam os diferentes das suas perspectivas de vida. Perseguem imigrantes, são xenófobos, misóginos, racistas, perseguem gays, odeiam a liberdade cultural, desprezam os mais fra-

cos, amam os conflitos e a tensão permanente.

Muitos deles trabalham com o medo e o pavor que podem causar em pessoas, comunidades e países. Sempre tendo as redes sociais como instrumentos principais. Têm horror ao Estado Democrático de Direito, pois creem na força ao invés do diálogo.

O que mais me impressiona é a quantidade de seres humanos no planeta que seguem esses líderes e suas teses que são, via de regra, as mais despidoras e desumanas possíveis.

São víboras que carecem de compreender a extraordinária força das diferenças para uma vida mais humana e fraterna. São dominadores e violentos. São despudorados em desejar um mundo de castas e da tese do “se vire” para os mais fracos.

A luta das narrativas não é um fim em si mesmo, no universo das redes sociais. É a luta pela predominância da comunicação na conquista por corações e mentes. Nesse embate o radicalismo é mais sedutor. E nisso a extrema direita é sabida.

Cabe à força das ideias dos democratas enfrentar, resistir e conquistar a maior parte da população. Mostrar o desprezo que a extrema direita tem com o Estado de Bem Estar Social, que busca enfrentar as brutais desigualdades sociais e econômicas que ocorrem na esmagadora maioria dos países do planeta.

Contra a besta, democracia forte!

*Jornalista. Instagram: @sergiocabral_filho

EDITORIAL

Um problema que está na sociedade

O grande tema da semana passada foi a “adultização”, um termo novo no vocabulário brasileiro, para se referir a algumas atitudes de pais para com os filhos, na forma de dar a eles uma maior maturidade, com tarefas que vão além da idade cronológica. Contudo, o fio da meada não foi algo do tipo, e sim a exploração de menores em vídeos considerados eróticos ou obscenos.

Culpar os pais ou mesmo as redes sociais por isso não vai mudar o fato e nem a questão, pois a culpa maior está na sociedade em que vivemos e na qual estamos vivenciando. A começar pelos grandes artistas da música que muitos jovens escutam. E o maior exemplo está na prisão de Oruam. Quantos será que ouvem suas músicas? E suas letras, consideradas apologias ao crime organizado? Os cliques do artista vão nessa onda.

Mas, além da música, há também os astros do Tik Tok e do Instagram, os famosos influenciadores digitais. Quantos fazem ou usam essa apologia ao erotismo para atrair seguidores, de uma forma boba, para ter justamente os jovens como seu público alvo? Se muitos seguem o estilo de Hytalo Santos, tudo leva a crer que o uso das crianças está muito além daquilo que possamos acreditar e ver no que é certo ou errado. Aliás, esse é um ponto interessante a ser debatido: o que é certo ou errado

na sociedade em que vivemos?

Não adianta de um lado o pai brigar com o filho sobre assistir certos tipos de vídeos no Tik Tok se a criança pode assistir filmes acima da sua idade com os pais. O exemplo precisa vir de casa, com regras rígidas e respeitadas. As classificações etárias de filmes, séries, novelas, etc, não são por acaso. São justamente para que crianças não vejam coisas que não próprias para as suas idades. E se os pais não as respeitam, do que adianta proibir a criança de ver vídeos no Tik Tok ou Instagram do mesmo tipo?

São questões que precisam ser vistas e revistas e o principal caso vai justamente na nossa forma de lidar com as situações, com dois pesos e duas medidas. Enquanto isso durar, nem regular as redes vai adiantar, pois há formas de burlar o sistema e são essas formas que precisam ser combatidas.

Portanto, o grande cerne da questão não está na juventude de hoje, e sim na geração de pais que nós temos, que está sendo cada vez mais benevolente para algumas situações que, em tempos passados, seriam duramente castigados. Não se pode negar erros das crianças, mas eles devem ser consertados, a ponto de não virarem manias ou mesmo algo que vai além de sua idade cronológica, mental e biológica, para se sentir enturmado e ficar no meio dos amigos.

O silêncio não protege as vítimas

São várias as canções que celebram Brasília. Desde o impressionante céu da cidade à modernidade da sua arquitetura.

Mas uma delas é linda na sua singeleza, mas também pelo que aponta de mais profundidade. Nos tempos difíceis em que vivemos, a flor do Cerrado pode ser importante símbolo da beleza que sempre se esconde na dureza. Da resistência que eclode da absoluta aridez. Da resiliência que o Cerrado brasileiro apresenta diante da seca, que neste agosto surge na sua forma mais dura.

Numa canção da década de 1970, que Gal Costa gravou no seu álbum “Cantar”, Caetano Veloso faz comentários numa espécie de conversa sobre “fim

de ano” e “fim de mundo”. Misturando as preocupações de um tempo violento com as expectativas de fim de ano, e a pergunta que habita todo ser humano: “Você tem amor em mim?”

Para concluir que a resposta para tudo poderia estar nas delicadas e ao mesmo tempo resistentes flores do Cerrado, que, em processo de ressecamento que as tornam eternas, são vendidas aos milhares nos pontos turísticos da capital do país. “Mas da próxima vez que eu for a Brasília, eu trago uma flor do Cerrado pra você”, canta Gal Costa.

Em tempos de tarifas e tantos outros desafios, a beleza que se esconde por trás da resistência eterna talvez seja a resposta.

Opinião do leitor

Maestro

Lamentável, até Ricardinho, que foi excelente meia armador, inclusive da seleção brasileira, foi contaminado. Passou a cometer a blasfêmia medonha de chamar Júnior de “maestro”, nas transmissões da TV-Globo.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: GUERRA CIVIL NA CHINA AVANÇA PELO NORTE DO PAÍS

As principais notícias do Correio da Manhã em 18 de agosto de 1930 foram: Grande dirigível inglês “R100” partiu do Canadá em via-

gem de regresso para a Inglaterra. Governo nacionalista de Pequim segue sua ofensiva contra Tsi-Nan-Fu, enquanto os nortistas falam de

uma retirada estratégica das forças de que dispõem naquela região; General Feng avança na direção de Po-Chow.

HÁ 75 ANOS: INDÚSTRIA AÇUCAREIRA NECESSITA DE AJUDA

As principais notícias do Correio da Manhã em 18 de agosto de 1950 foram: Indústria açucareira necessita de mecanização, crédito e ajuda do Governo para sobreviver.

Em Pernambuco, na convenção da UDN daquele estado, Eduardo Gomes defende os principais pontos para o país crescer na economia. Duas grandes batalhas na Coreia

deixam milhares de feridos. Violento incêndio destrói uma fábrica de móveis no Centro do Rio. Vasco aceita realizar o clássico contra o América em São Januário.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira
Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt.10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.